

Feminismo em comum: para todas, todes e todos

Luiz Henrique Costa de Santana¹

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Submetido em 31 de março de 2019.

Aprovado em 05 de setembro de 2019.

O livro “Feminismo em comum: para todas, todes e todos”, da escritora Marcia Tiburi, lançado pelo selo Rosa dos Tempos, da editora Record, disserta sobre a urgência do feminismo em uma sociedade patriarcal, distinguindo-o de outros movimentos, como o humanismo, por exemplo, e mostrando a sua abrangência a todos os gêneros sexuais. Para alcance de um público diverso, a filósofa usa uma linguagem clara, com o intuito de disseminar para a maior quantidade de pessoas a ideia do “feminismo em comum”.

Este livro relança o selo Rosa dos Tempos com objetivo de promover a leitura e popularizar as causas centrais do feminismo. Esse objetivo é abordado pela autora e pelas organizadoras do selo em um vídeo/podcast no canal da editora Record, no *Youtube*. Dessa forma, vê-se que é posto sobre ele a carga de revelar as novas ambições deste selo, e isso, a obra faz muito bem, em sua leveza, em múltiplos sentidos, entre outros aspectos, por sua linguagem acessível, seu formato em edição de bolso e seu peso de 130 gramas.

Embora o livro seja uma unidade homogênea, ele pode ser dividido em quatro seções: no primeiro capítulo, a escritora destaca a urgência do feminismo, ao sinalizar o ‘já’; depreende-se que, assim como as eleições diretas em 1983 e 84, ditas Diretas Já, eram uma tomada agressiva e inquietadora para aquela época, no que tange às eleições presidenciais, o feminismo também possui essa urgência. Mas tal urgência está voltada para desconstrução do patriarcado visando à construção de uma sociedade igualitária. Na visão da autora, para que isso aconteça, é necessário que a população possa “pensar o feminismo”.

No segundo capítulo, a autora nos convida a exercitar o pensamento. Segundo ela, a instrução é uma necessidade, principalmente para as mulheres, que são injustiçadas pelo patriarcado. Como a mãe da escritora pensava, o ato de estudar é essencial para a

¹ Pesquisador da Universidade Federal Rural de Pernambuco Email: luizhenriquepp.com@outlook.com.

libertação do aparelho repressor, pois o conhecimento é necessário para dissipar o machismo da estrutura da sociedade. Nesse capítulo é explicado pela pesquisadora o uso do ‘todes’, que é uma fusão de inclusão e acessibilidade, pois o ‘todes’ se refere aos de gênero não binário e facilita a compreensão dos deficientes visuais ao ouvir os audiolivros.

Também é válido destacar, ainda, que “pensar o feminismo”, para a autora, só é pleno com o pensar no trabalho. A autora faz menção a isso no terceiro capítulo. O feminismo propõe indagações, interrogações e questionamentos. Por ser frágil, o machismo não suporta essa virtude filosófica, que é o questionamento, pois ele se posiciona como arbitrário, autoritário e conservador. Isto a filósofa expõe, muito bem, nesse capítulo, se valendo da ocorrência de injustiça profissional, testemunhada pela autora, em uma cooperativa de materiais recicláveis, na qual homens eram privilegiados com o ócio, próximo da hora do almoço, enquanto as mulheres continuavam trabalhando no setor de triagem. O desejo dessas mulheres, quando indagadas pela autora, é o mesmo anseio do feminismo: equidade.

No quarto capítulo “Autocrítica: o feminismo para além do medo e da moda”, a professora define o patriarcado – termo que, segundo ela, algumas pesquisadoras não usam, mas ela decide usar por acreditar que ainda “vale a pena usar porque reflete o lugar primário (homem) e o lugar secundário que a mulher ocupa na sociedade – como “um sistema profundamente enraizado na cultura e nas instituições.”² Logo vê-se que é esse sistema “que o feminismo busca desconstruir” (p.27).

No quinto capítulo “O feminismo é o contrário da solidão”, a filósofa, logo no título, caracteriza algo que se repete, que é a resignificação do termo feminismo. A cada nova abordagem dada ao termo, a cada coletivo que recebe uma nova integrante e a cada capítulo desse livro, o movimento feminista se reinventa. Dessa forma, a autora apresenta as problemáticas e promove reflexões sobre elas, com exemplos reais, inclusive de sua própria vida, que visam incitar o leitor ao ato de pensar no feminismo, adotando outros pontos de vista. A problemática da opressão patriarcal, é um exemplo a ser pensado. Essa opressão faz com que as mulheres herdem o feminismo por conta da tirania que outras mulheres sofreram antes delas. Por esta causa, as feministas não estão sós. Carregam as

² Canal curta. Curta! Livros – Feminismo em Comum. 2018. (1:24). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HoesIvGK-iY>>. Acesso em 30 abr. 2019

oprimidas de uma geração e isso é força propulsora para a continuidade da luta pela emancipação feminina.

Na segunda seção, que inicia no capítulo seis e culmina no capítulo oito, a pesquisadora aborda o caráter dialógico que o feminismo possui. Ela caracteriza o diálogo como estopim para a mudança da sociedade e como desconstrutor do dispositivo machista. O capítulo seis “Da misoginia ao diálogo”, traz a visão da professora de como esse dispositivo configura um sistema de “inconfiabilidade natural” com o intuito de abalar as relações sociais das mulheres entre si. Para tanto, ela se apropria da definição de Michel Foucault, de dispositivo, para descrever as estruturas desse organismo.

No capítulo sete a pesquisadora apresenta distinção entre “feminismo e feminino” e revela as forças que atuam sobre ambos. No feminino, existe o desejo de docilizar a mulher para que se torne inofensiva e inerte quanto à influência do aparelho machista sobre ela; enquanto o feminismo insiste em desarticular o machismo travestido de feminino, de maneira contrária, ativa e prejudicial ao sistema.

A escritora, no capítulo oito, evidencia, novamente, a concepção dialógica do feminismo, denunciando o lugar de fala ocupado pelo homem branco. Tiburi define o que é lugar de fala e o que é lugar de escuta, e a discussão termina com seu destaque à importância do diálogo nessa luta. Assim, a autora insere bem o leitor nos estudos dialógicos do feminismo, sendo objetiva e sucinta na explanação desse cenário político que é o lugar de fala e o lugar de escuta.

Na terceira seção, que inicia no nono capítulo e termina no décimo terceiro capítulo, a filósofa conceitua e ressignifica o feminismo como uma postura ético-política /poético-política que visa desconstruir o patriarcado, através do diálogo combatente da injustiça, da desigualdade e promotor dessa des(re)construção por meio da inserção da mulher no meio político. É nessa seção que a autora mostra o feminismo, em sua plenitude, como ampliador da visão de mundo, já que ele proporciona uma leitura de mundo através de um olhar crítico-analítico.

A quarta seção, que inicia no capítulo quatorze e termina no capítulo dezessete, é a que encerra o livro. Nessa seção, a escritora faz apontamentos no que tange ao feminismo “interseccional”, pois é necessário entender como o sistema opressor funciona para combatê-lo e é por meio dessa compreensão que é adquirida a consciência política. Na seção, a autora ainda faz menção ao caráter dialético do feminismo quando focaliza o

“lugar de fala” e o “lugar de escuta”, como lugares políticos, sendo dois movimentos que põem em xeque o autoritarismo.

Por considerar a urgência que o feminismo tem nessa sociedade, essa obra tem sua relevância na sua originalidade e no tratamento de questões sociais de modo plural, ou seja, relativo a “todas, todes e todos”. Por ser o primeiro livro solo da autora tratando dessa temática, espera-se que ela intensifique a abordagem introdutória que deu ao feminismo nele.

Com esse livro, a filósofa Márcia Tiburi propõe uma reflexão imersiva sobre as estruturas sociais perpetuadoras do patriarcado e um posicionamento sério sobre a temática, por meio do diálogo, como uma potência transformadora nessa luta por um mundo melhor. Tanto os iniciantes quanto os iniciados, nesse assunto, encontrarão nesse livro uma linguagem clara a respeito do movimento, pois, como a própria autora diz, no *podcast* já citado, o livro possui um tom de crônica. Essa leitura é para todos os que querem pensar o mundo e os seus dispositivos opressores, por uma ótica mais realista. Pode-se perceber, no decorrer da leitura da obra, o medo da autora em relação ao feminismo vir a tornar-se uma utopia. Mas, esse medo não deveria ser só dela, e, sim, coletivo.

Referência

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 10ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. p. 126

Grupo Editorial Record. Podcast da Rosa dos Tempos - Programa #1 - Feminismo em comum. 2018. (21m16s). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=2bpfPuu1UbM&t=424s>>. Acesso em: 30 abr. 2019

Canal curta. Curta! Livros – Feminismo em Comum. 2018. (3m:54s). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=HoesIvGK-iY>>. Acesso em 30 abr. 2019